

## **A culpa é do PT: análise de uma publicação de Beto Richa no Facebook<sup>1</sup>**

Felipe Bonow SOARES<sup>2</sup>  
Universidade Católica de Pelotas

### **Resumo**

O objetivo deste estudo é analisar uma publicação no Facebook de Beto Richa, governador do Paraná, de 27 de maio. Nesta publicação, Richa fala sobre os problemas existentes no estado: a reação dos policiais na manifestação dos professores em 29 de abril (ainda que não cite diretamente) e os cortes orçamentários. O que se pretende é ver como Richa se apropria das ferramentas dos sites de redes sociais (SRS) e quais argumentos utiliza para trabalhar a sua imagem. Para isso, além dos conceitos específicos sobre os SRS, são utilizados também os estudos de Fidalgo (Retórica Mediatizada) e de Perelman (Nova Retórica) como base analítica.

**Palavras-chave:** Argumentação; Beto Richa; Imagem; Sites de redes sociais; Política

### **Introdução**

Este estudo tem como objetivo analisar uma publicação de Beto Richa, governador do Paraná, no Facebook. A postagem foi realizada em 27 de maio de 2015 e ainda reverberava os acontecimentos relacionados com os cortes realizados pelo governo do estado e com a manifestação dos professores do Paraná do dia 29 de abril de 2015 em Curitiba, em que a polícia reagiu com violência na tentativa de impedir os manifestantes de entrar na Assembleia Legislativa<sup>3</sup>.

O que se pretende observar com este estudo é a maneira como Beto Richa trabalha a sua imagem (FIDALGO, 2010) por meio da publicação, os argumentos que utiliza (PERELMAN, 1993) e como os elementos referentes aos sites de redes sociais (SRS) e comunicação mediada por computador interferem na sua fala e nos significados que dela emanam.

### **Elementos dos sites de redes sociais e suas apropriações**

Recuero (2010, p. 102) defende que SRS são apropriações das ferramentas de comunicação mediada pelo computador e não se configuram como redes sociais, mas plataformas onde estas se expressam na Internet. Utilizando as definições de boyd e Ellison,

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Ciberultura do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Orientação: Raquel Recuero

<sup>2</sup> Mestrando no Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Católica de Pelotas. Graduação em Comunicação Social – Hab. em Jornalismo na Universidade Católica de Pelotas. Email: [felipeboares@hotmail.com](mailto:felipeboares@hotmail.com).

<sup>3</sup> Informações mais detalhadas no site da Zero Hora (<http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/2015/04/mais-de-200-ficam-feridos-apos-acao-da-pm-em-manifestacao-de-professores-em-curitiba-4750212.html>) e da Folha de S. Paulo (<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2015/04/1622662-pm-do-parana-usa-balas-de-borracha-e-gas-contra-invasao-de-assembleia.shtml>).

Recuero (2010, p. 102) destaca que SRS são “sistemas que permitem i) a construção de uma persona através de um perfil ou página pessoal; ii) a interação através de comentários; e iii) a exposição pública da rede social de cada ator”.

O Facebook se configura como um destes SRS. Atualmente, é a ferramenta com maior número de usuários na Internet. Segundo dados disponibilizados pela própria empresa<sup>4</sup>, em março de 2015 a média de usuários com atividade diária era de aproximadamente 936 milhões, porém, o número sobe para mais 1 bilhão e 400 milhões se considerados os usuários com pelo menos um acesso mensal.

São muitos os conceitos importantes para estudar as redes sociais na Internet e a conversação realizada por meio das plataformas onde elas se expressam. Os mais relevantes para este estudo são descritos a seguir.

O primeiro deles é o capital social. Existem algumas interpretações diferentes sobre o conceito, mas no geral, é entendido como um valor (recurso) gerado a partir de interações sociais (RECUERO, 2010, p. 44). Por ser um tipo de capital, possui tendência a ser visto a partir do ponto de vista econômico. Lin (1999) entende que o capital social que pode ser observado a partir de um processo: investimento, seguido pelo acesso e mobilização e que resulta em um retorno. A partir disso, propõe um modelo que tem três etapas: as pré-condições para obtenção do capital social; as possibilidades de capitalização; e os efeitos gerados, ou seja, o retorno do investimento. Os retornos podem ser individuais (capital social de primeiro nível) ou coletivos (capital social de segundo nível) de acordo com os laços sociais, relações entre os nós em redes, de uma comunidade ou rede (RECUERO, 2010, p. 51). Dentre os capitais sociais de primeiro nível, pode-se citar a credibilidade, o tamanho da rede individual (quantidade de conexões), a influência, entre outros. Já no segundo nível, é possível pensar em elementos como a confiança no ambiente social.

Dentre os aspectos conversacionais, um elemento de discussão relevante é a questão da linguagem utilizada na Internet: é escrita ou fala? Diversos autores estudam o tema e, no geral, concordam que, apesar de ser escrita, possui características de fala, tomando propriedades típicas da conversação oral (RECUERO, 2012). O caráter informal é outro exemplo. Herring (apud Recuero 2012, p. 32), afirma que os usuários dão preferência a “verbos como ‘falei’, ‘disse’ e ‘ouvi’ ao invés de ‘digitei’, ‘escrevi’ ou ‘li’ para descrever suas atividades”. A preferência também por termos como falantes e conversa, dentre outros, é igualmente citada por Herring. Hilgert (2006), da mesma forma, afirma que a conversação

---

<sup>4</sup> Dados de <https://newsroom.fb.com/company-info/>. Acesso em 03/07/2015.

na Internet possuem características que a aproximam da fala. O autor argumenta que a própria referência metalinguística é uma demonstração disso: usuários utilizam frequentemente expressões relacionadas com a fala, como “papo” e “bate-papo”.

Hilgert levanta ainda outra ideia interessante. O autor constrói a relação entre fala e escrita a partir de um *continuum*. Em uma compreensão de que os textos tendem a possuir características híbridas da fala e da escrita, o autor mostra que mesmo textos escritos podem ter características marcantes da fala (como os bilhetes), assim como uma fala pode possuir características essencialmente da escrita (como as exposições acadêmicas). Ainda que o autor não trabalhe essa não dicotomização entre fala e escrita no seguinte sentido, é interessante observar que ela pode também ser utilizada como argumento de que, mesmo em espaços onde um texto falado possua características da escrita (como a exposição acadêmica), em determinadas situações, este texto falado possa ter mais características marcantes da fala e menos da escrita (se aproximando de uma interação mais informal, como a conversação espontânea). Uma definição estática de “gêneros” (o bilhete, a exposição acadêmica, entre outros) parece perigosa quando não se leva em conta que o contexto pode alterar completamente a situação e as características da interação. Por exemplo, mesmo em um espaço de bate-papo apropriado sincronamente que tende a se aproximar (mais do que o e-mail, por exemplo) de um texto escrito com características essenciais da fala, é possível que, numa conversa entre um aluno e seu orientador ou entre profissionais de determinada área, as características do texto sejam basicamente da escrita formal (próximas de textos profissionais, por exemplo). Neste caso, o contexto e a relação (mais formal) entre os indivíduos faz com que a linguagem se aproxime mais da escrita do que da fala. Entende-se, portanto, que a característica da linguagem na Internet se aproxima da fala, mas pode, em determinadas, utilizar um caráter mais formal (próximo da escrita).

A construção da identidade é outro ponto importante para a discussão aqui realizada. Sobre o tema, Barnes (2005, p. 59) argumenta que a maneira como os indivíduos se apresentam na Internet nem sempre correspondem a quem eles realmente são. Portanto, neste contexto, indivíduos podem construir versões idealizadas de si ou, até mesmo, criar uma nova *persona*. Komesu (2004) destaca que a construção da identidade é sempre feita para um Outro. Utilizando o exemplo dos blogs, a autora demonstra que, diferentemente de um diário pessoal em que há uma propriedade secreta do que é escrito, na Internet se pretende atingir um Outro, um tipo de interlocutor imaginado. É a partir dessa relação com o Outro que boyd (apud Recuero 2012) constrói a ideia de audiência invisível: apesar da

possibilidade de perceber a presença do outro, não há uma copresença física. A audiência invisível, porém, é essencial na construção da identidade, afinal, como destaca boyd, ela é baseada em atos performáticos (muito mais do que na autenticidade do que é dito). Assim, a mensagem é sempre pensada na relação com o Outro, de modo que o indivíduo acaba adequando o que fala de acordo com as possíveis percepções da sua audiência imaginada. Este ponto é essencial para pessoas públicas, como os políticos, que usam espaços da Internet para a construção de sua imagem em busca de um retorno positivo de capital social.

### **Questões sobre a comunicação política e argumentação**

Naturalmente, a comunicação política é profundamente afetada pelas características dos SRS e a influência por eles exercida na sociedade. Espírito Santo e Figueiras (2010, p. 80), ao realizar uma análise sobre campanhas eleitorais, afirmam que, ainda que a televisão possua um papel destacado, cada vez mais a Internet e os SRS se tornam determinantes na política. Segundo as autoras, a principal razão para o novo cenário descrito é a maior interatividade e o menor distanciamento entre os atores (uma comunicação mais direta) permitido principalmente no espaço dos SRS. Santos e Rodrigues (2013) afirmam que, ainda que alguns políticos não aproveitem todas as possibilidades da Internet, estes novos espaços revolucionaram a comunicação política. Destacam, em especial, a maior personalização das mensagens.

Se a comunicação se modifica, os aspectos relacionados com a argumentação (política) também são alterados. Fidalgo (2010) faz uma reconstrução da retórica aristotélica e desenvolve a Retórica Mediatizada. Em primeiro lugar, Fidalgo inclui um quarto elemento ao esquema triangular (orador-mensagem-auditório) de Aristóteles: os meios. O autor, lembrando os estudos de McLuhan, coloca o meio responsável pela mediação da mensagem como fator determinante para entender a argumentação. Se o meio analisado é a Internet, e em específico um SRS, o papel argumentativo, naturalmente, é influenciado por ela e por suas características e apropriações. Cabe também ao orador saber adequar-se ao meio onde se apresenta.

Um ponto importante destacado por Fildago é o papel desempenhado pelo que chama de Indústria da Persuasão: a publicidade, o marketing e as relações públicas. Para o autor, há uma nova construção do *ethos* (caráter do orador) aristotélico, que era concebido intrinsecamente. O *ethos* se transformou em imagem e não é mais construído a cada prestação, mas constantemente vendido (quase como um produto), especialmente nos meios

de comunicação. Essa produção da imagem se aproxima muito da construção de identidade na Internet, destacada anteriormente, de modo que os dois conceitos podem ser profundamente relacionados. Isso tem reflexo direto na política, de modo que Fildago (2010, p. 10) afirma que o mundo vive em “democracias representativas e mediáticas”. Assim sendo, especialmente a construção de identidade de políticos na Internet está próxima do processo de produção da imagem: ambos são realizados segundo um ideal, a produção de capital social com retorno positivo ao político, e são mais uma estratégia (planejada) do que algo natural, ainda que, em alguns casos, realizadas sem uma reflexão sobre o que se está, de fato, fazendo.

Também em uma releitura da retórica aristotélica, Perelman (1993) desenvolve a Nova Retórica. Um dos focos centrais desta teoria é o papel do auditório. Segundo Perelman, a função do orador é sempre a de provocar ou aumentar a adesão do auditório em determinada tese, portanto é essencial levar em conta o auditório no momento da construção argumentativa. Como afirma Fidalgo (2010), o meio é essencial no processo argumentativo, sendo, portanto, o Facebook o espaço onde ocorre a argumentação aqui analisada, a questão do auditório está relacionada com o conceito de audiência invisível destacado anteriormente.

No que se refere especificamente a argumentação, Perelman desenvolve o que chama de argumentos de ligação, os que possuem a função de apresentar uma conclusão a partir de premissas escolhidas pelo orador. Eles são divididos em três grupos: os *argumentos quase lógicos*, que, como o próprio nome sugere, se baseiam em elementos mais lógicos e, portanto, possuem uma estrutura mais matemática e se aproximam do pensamento formal, ainda que não tenham sua natureza; os *argumentos fundados sobre a estrutura do real*, que se apropriam das relações entre os elementos da realidade e as utilizam para fins de determinar causa-efeito ou associação entre autor e ato; e os *argumentos que fundam a estrutura do real*, que são estruturados por indução, utilizando um ou mais casos específicos para generalizar. Cada um destes grupos de argumentos possui seus componentes específicos, totalizando 12 tipos de argumento<sup>5</sup>.

## Metodologia

A análise aqui realizada é composta por uma publicação de Beto Richa em sua página no Facebook de 27 de maio de 2015. A intenção desta análise é observar o

---

<sup>5</sup> Para descrição específica de cada argumento consultar Soares (2014).

posicionamento de Beto Richa em relação aos cortes de orçamento realizados pelo governo do Paraná e sobre a maneira como se refere aos acontecimentos de 29 de abril, quando diversos professores em protesto foram agredidos pela polícia. A coleta da postagem ocorreu em 29 de maio de 2015. A escolha por Beto Richa como *corpus* da análise se dá em função da grande repercussão dos protestos de 29 de abril e da reação dele de isentar-se de qualquer culpa, ainda que tenha convocado a polícia.

A análise tem como base os conceitos desenvolvidos no referencial teórico deste estudos: as características dos SRS e da conversação em rede, em especial o investimento em capital social, a linguagem e a relação entre escrita e fala, a ideia de audiência invisível e a construção de identidade; o conceito de imagem, desenvolvido por Fidalgo (2010); e os argumentos de ligação de Perelman (1993). Como os argumentos de ligação não foram detalhados anteriormente, isto é realizado na análise conforme são citados.

### **Análise da publicação de Beto Richa**

Em primeiro lugar, é importante destacar que Beto Richa demorou para se pronunciar no Facebook sobre os incidentes de 29 de abril, já explicados na introdução deste estudo. A primeira publicação sobre o tema foi realizada em 8 de maio, mais de uma semana após a manifestação. Após esta primeira postagem, Richa só tocou novamente no tema em 27 de maio, na publicação aqui analisada. Nesta trata também sobre os problemas econômicos do estado. A escolha pela segunda publicação se deu em função da maior riqueza de elementos para análise, especialmente no modo como Richa se posiciona e no seu argumento central, como são descritos mais em frente.

A publicação de 27 de maio é bastante extensa. Portanto, optou-se por não reproduzi-la na íntegra, mas apenas citar os trechos referidos conforme a análise é descrita<sup>6</sup>. A postagem é composta por um texto e uma fotografia de Beto Richa discursando na reunião do secretariado de Estado, como a foto não possui grande relevância a partir dos pontos que se optou por observar, o foco analítico será no texto/fala. A análise tem como objeto apenas a publicação, mas, para contextualizar, pode ser interessante descrever alguns dados. A publicação recebeu 1.031 curtidas (ferramenta que serve para usuários do Facebook mostrarem a aprovação ao conteúdo de uma postagem), 138 compartilhamentos (quando um usuário publica a postagem em sua linha do tempo, podendo adicionar uma informação a mais) e 766 comentários (mais os comentários específicos em cada um dos comentários –

---

<sup>6</sup> A publicação completa pode ser vista aqui: <https://www.dropbox.com/s/xcej0nolsydf8q/pronunciamento.jpg?dl=0>.

que não é contabilizado pelo Facebook)<sup>7</sup>. No geral, a opinião dos usuários nos comentários está em equilíbrio entre a favor e contra Richa.

**Imagem 1** – Trecho da publicação de Beto Richa



O primeiro tópico a ser destacado nesta discussão é a questão da autoria, que, de início, possui relação direta com a identidade. Segundo Recuero (2010, p. 25), na comunicação mediada por computador, não é possível discernir imediatamente os atores de uma interlocução. Deste modo, um ator não pode ser relacionado diretamente com uma pessoa, afinal um ator pode ser um blog, um perfil pessoal em algum SRS, uma página no Facebook de uma instituição ou, como no caso deste estudo, de uma figura pública. Assim, ao menos de início, os atores são representações de atores sociais. Isso quer dizer que nem sempre quem fala por meio de uma página no Facebook é o político, ainda que a sua identidade seja ali construída. A publicação aqui analisado possui duas falas. A primeira (composta por dois parágrafos) foi feita exclusivamente para o Facebook e faz uma espécie de introdução a segunda fala: “Hoje pela manhã, na abertura da reunião do secretariado do Estado, fiz um pronunciamento sobre os fatos mais recentes [...]” (RICHA, 2015, online). E retoma mais em frente: “Quero compartilhar as minhas palavras de otimismo realista – e algumas também de desabafo – com todos vocês. Leia abaixo”. A segunda fala, portanto, é formada pelo pronunciamento realizado por Richa. Primeiramente, pode-se questionar se a autoria da falta é, de fato, de Richa ou se foi escrita por sua assessoria de comunicação. A mesma questão poderia ser feita para o pronunciamento de Richa no secretariado do Estado, mas em um SRS a discussão se amplifica, afinal a ausência da copresença física impede, até mesmo, a observação da reprodução da fala por Richa.

<sup>7</sup> Dados de 07/07/2015.

Na questão da linguagem, o fato da postagem ser composta por uma pequena introdução e a reprodução do pronunciamento de Richa, é possível perceber que, partindo da ideia do *continuum* de Hilgert (2006), ainda que esteja em uma plataforma onde geralmente a linguagem é composta por um texto escrito com fortes características da fala, há um caráter mais voltado para a escrita, com diversas formalizações. Isto provavelmente se deve ao fato de ser a reprodução de um pronunciamento público (que, assim como a exposição acadêmica, é falado, mas possui predominantemente características da escrita). O trecho introdutório é realizado em primeira pessoa do singular, mas em nenhum momento o pronome “eu” é utilizado. Já a reprodução do pronunciamento é, predominantemente, na primeira pessoa do plural e, neste caso, em algumas situações o “nós” é utilizado. Um pequeno trecho, quando Richa fala sobre “agressões e maldades” que vem sofrendo, a fala é em primeira pessoa do singular, mas o “eu” novamente não é utilizado. O fato de Richa suprimir o “eu” é interessante porque, como afirma Benveniste (1988, p. 292), a colocação do “eu” na fala compromete o indivíduo com o ato, ou seja, ele se apresenta como interlocutor e ator. Ainda assim, nos próprios trechos em que Richa usa a primeira pessoa do singular, mesmo que sem a utilização do pronome, já há marcação de presença maior do que quando o plural é utilizado. A partir das ideias de Jakobson (apud BARROS, 2007) sobre as funções da linguagem, ou seja, pelos modos como um texto produz efeitos a um destinatário, percebe-se que Richa utiliza a função referencial e, em alguns momentos, se aproxima da função emotiva. Vale ressaltar que um texto nunca possui função única, mas a partir de suas características é possível perceber a qual (ou quais) se apropria mais. A função referencial tem como principal característica a objetividade, evitando juízos de valor e um afastamento entre os interlocutores. Ainda que seja geralmente utilizada a terceira pessoa, no caso da fala de Richa a utilização da primeira pessoa do plural acaba produzindo efeito semelhante, como acontece também em alguns textos científicos. Já a função emotiva se caracteriza pela utilização da primeira pessoa e de uma aproximação entre interlocutores, onde a subjetividade está presente. Esta é mais utilizada quando Richa busca uma identificação com seus interlocutores, de modo que fala das ofensas que muitos dirigem a ele e da maneira como está sofrendo com o momento em que passa.

A estratégia de utilização destas duas funções tem objetivos diferentes, mas complementares. Com a função referencial, Richa parece pretender um investimento no capital social da credibilidade, utiliza fatos e números (como será destacado mais em frente junto aos argumentos presentes na publicação). Já quando se apropria da função emotiva, a



intenção parece ser alcançar a compaixão do seu auditório, de modo que cita as ofensas à sua família e a si mesmo. O *pathos* (despertar a emoção do auditório para fortalecer a argumentação) da retórica de Aristóteles é, assim, evocado por Richa. Com isso, o investimento em capital social é outro, mais voltado para a empatia.

Para ilustrar as afirmações acima realizadas, é importante destacar alguns trechos da publicação. Os seguintes mostram uma utilização majoritária da função referencial: “O Brasil vive hoje a pior crise dos últimos tempos” é o modo como Richa inicia o pronunciamento; mais em frente, ao destacar alguns dados a função referencial também se mostra mais explicitamente, “Segundo o IPEA, somos hoje o segundo estado como menor índice de desigualdade social do Brasil” e “O Paraná é o terceiro Estado mais transparente do Brasil segundo a Controladoria Geral da União, um órgão federal”, é importante ressaltar nestes dois trechos a presença das fontes de onde foram retiradas as informações e, em especial, o destaque dado ao fato de que a Controladoria Geral da União é um órgão federal. Já para os trechos onde a função emotiva se faz mais presente, é possível citar as partes em que Richa fala sobre as ofensas que estaria sofrendo: “Tenho sofrido as mais terríveis agressões e maldades” e “Na ânsia de me atingir, atacam até mesmo a minha mulher”.

Ainda em relação à linguagem, mas também a outros elementos dos SRS, percebe-se que, como criticam Santos e Rodrigues (2013), Richa também não tem grande atenção às possibilidades de ferramentas disponíveis na Internet. Com exceção do trecho introdutório, a publicação é apenas uma reprodução do pronunciamento realizado em um contexto completamente diferente. A personalização da mensagem, lembrada por Santos e Rodrigues, não está presente na publicação de Richa. A sua fala, apesar de pessoal em alguns momentos, é, no geral, mais impessoal e não é voltada para o interlocutor a que se dirige naquele espaço, falta a preocupação maior com a audiência invisível que com ele interage por meio do Facebook.

Os conceitos de audiência invisível, construção da identidade e imagem e os argumentos de ligação possuem relação direta na análise da publicação de Richa. Os argumentos que utiliza são baseados na sua audiência imaginada e possuem o objetivo de construir uma identidade positiva, melhorando a sua imagem. Sendo assim, também a descrição destes tópicos nesta análise se dá de modo integrado.

Importante destacar que Richa não se refere diretamente ao protesto dos professores, onde houve confronto com a polícia. Logo no início da publicação, Richa apenas afirma

genericamente que se refere aos “fatos mais recentes”. Com isso, inclui em um mesmo espaço as manifestações, os problemas econômicos e cortes do governo e o contexto político brasileiro. Fica claro que Richa não tem a intenção de recordar os acontecimentos de 29 de abril, pretende que eles fiquem no esquecimento e, mais do que isso, quer inocentar a si mesmo de qualquer responsabilidade. Isto fica claro mais em frente, quando diz: “Tenho sofrido as mais terríveis agressões e maldades. Elas vêm daqueles que nos odeiam não por algo de ruim que fizemos, mas por tudo aquilo de bom que representamos”. Quando afirma que as agressões que vem sofrendo não são por algo de ruim que foi feito, Richa implicitamente se coloca como inocente em relação a tudo que aconteceu no protesto dos professores, mais do que isso, ainda conclui que as agressões se devem a tudo de bom que ele representa. A sua construção como inocente em relação ao 29 de abril e, além disso, vítima de agressões, maldades e difamações está presente em diversos momentos na sua fala. O trecho em que fala sobre as agressões a sua família é um deles, alguns outros, inclusive, deixam claro que as críticas ao seu governo seriam mentira: “Espancam publicamente os fatos e conspiram contra a verdade. Cavalgam as versões e promovem linchamentos morais com o objetivo de ver suas teses triunfarem”. Além de destacar a falta de verdade no que é falado, Richa, ao se apropriar do termo “teses”, remete a uma argumentação anti-comunista e anti-PT muito utilizada no período da ditadura e, especialmente, por Collor nas eleições presidenciais de 1989<sup>8</sup>. Em outro ponto, logo em frente, novamente Richa coloca a oposição no lugar de adversários: “O nosso governo não será lembrado pela calúnia dos nossos adversários”. Percebe-se que o objetivo de Richa com os trechos destacados é abster-se de qualquer responsabilidade pelo ataque da polícia aos manifestantes em 29 de abril e, mais do que isso, classificar o episódio como uma mentira construída pela oposição. Em outro trecho, Richa também utiliza termos semelhantes aos já citados:

A resposta para os insultos e para a baixaria é a nossa disposição permanente para o trabalho. Para cada mentira que disserem, responderemos com dez verdades. Para cada acusação sem provas, a resignação de que a apuração isenta vai reparar a injustiça. Diante da leviandade, nossa reação será sempre fazer mais e melhor pelo Paraná. Contra os ataques e armações, nossa resposta será trabalhar, trabalhar e trabalhar (RICHA, 2015, online).

---

<sup>8</sup> Um exemplo pode ser visto no compacto do último debate entre Collor e Lula exibido no Jornal Nacional, de rede Globo, em 1989. No compacto, Collor fala, ao se referir ao PT e a Lula: “[defendem] teses estranhas ao nosso meio, teses marxistas, teses estatizantes, teses que não primam pelos princípios democráticos consagrados na nova carta constitucional”. O vídeo com a edição realizada pela Globo pode ser acessado em: <https://www.youtube.com/watch?v=rJ3rudZ2odA>.

A construção dicotômica presente no parágrafo citado – entre o seu governo (estadual) e o governo do PT (federal) e a oposição em geral – está presente em diversos pontos da argumentação de Richa. A imagem construída para cada um é oposta, no clássico maniqueísmo do bem e do mal, o governo de Richa sendo colocado como trabalhador e honesto e também atingido dos problemas gerados pelo governo do PT e insultos da oposição.

A partir dos argumentos de ligação de Perelman (1993), é possível definir a ação de Richa como baseada no argumento de modelo e anti-modelo, um dos argumentos que fundam a estrutura do real. Para Perelman, o modelo é um caso particular que serve para ser imitado, suas ações são positivas e é construído como alguém (ou algo, para o caso de instituições e grupos) com prestígio elevado. Já o anti-modelo é o caso inverso, suas ações não devem ser imitadas e deve ser construído sem prestígio ou autoridade.

São diversos os trechos em que Richa faz a construção de si e do seu governo como modelo e do PT e do governo federal como anti-modelo, ainda que em nenhum momento cite o PT, apenas deixa implícito que a ele se refere ao falar do Outro e do Brasil. Para deixar mais claro, é possível observar o exemplo a seguir:

Como nação, andamos para trás, regredimos, perdemos o que duramente conquistamos ao longo de décadas. Em todo o país, a sensação é de traição. Fomos traídos em nossa confiança, acreditando que os dados oficiais servissem para revelar a verdade de um país promissor e não para ocultar contas públicas maquiadas (RICHA, 2015, online).

Richa utiliza o termo “como nação” para se referir a gestão petista. Além disso, mais uma vez, Richa constrói a si mesmo como honesto e aos seus opositores (aqui em específico o governo federal) como quem trai a confiança e maquia contas públicas, especialmente quando cita que acreditaram nos dados oficiais. No início do parágrafo seguinte, isto se repete: “Nós aqui no Paraná, acreditamos. Acreditamos que a contabilidade nacional não era uma peça de marketing, mas expressão da realidade”. A partir daí, começa a jogar a dicotomia para um tema mais profundo, culpando o PT pelos problemas nacionais e também estaduais: “Com base nisso, fixamos metas, definimos prioridades, fizemos projeções. Acreditamos que o Brasil era tão próspero quanto aquele que nos queriam fazer crer. Infelizmente, o Paraná não ficou imune ao colapso da economia brasileira e, assim como o Brasil, foi atingido pela crise”. A culpa dos problemas financeiros e dos cortes orçamentais realizados pelo governo do Paraná, segundo Richa, é do PT. Isso porque Richa

e seu governo acreditaram, de acordo com a sua fala, nas promessas e no cenário descritos pelo PT na campanha presidencial. Parece interessante destacar que o PSDB (partido de Richa) durante todo o período eleitoral atacava o PT argumentando que o cenário econômico apresentado pelo partido era desastroso e que em caso de reeleição de Dilma Rousseff, a situação teria tendência a piorar. Assim sendo, a afirmação de Richa se apresenta um tanto contraditória.

Em outro momento, Richa sugere, até mesmo, que a intenção dos seus opositores é rebaixar Richa para o lugar onde eles estão: “No cenário nacional, o Brasil assiste perplexo ao drama do desrespeito aos valores republicanos. E ao serem pegos em flagrante, buscam agora desviar o foco. Tentam nos arrastar para o mar de lama onde eles se encontram”. Novamente, Richa não cita o PT, mas deixa claro a sua sugestão ao comentar sobre o “cenário nacional”. Lembra também dos problemas de corrupção ao afirmar que foram pegos em flagrante. O anti-modelo, fortalecido pela colocação “[d]eles” no mar de lamas, se intensifica na sua argumentação.

A construção de modelo e anti-modelo segue no restante da publicação. Em alguns trechos Richa vai além e afirma que, apesar dos problemas do governo federal, a situação do Paraná vai melhorar: “O Brasil não vai frear o Paraná. Pelo contrário: é o Paraná que vai ajudar a empurrar o Brasil para frente”, “Enquanto o Brasil dá mau exemplo com o inchaço da máquina, nós aqui cortamos 1.000 cargos comissionados” e “Enquanto o Brasil recua, vamos acelerar!”. Fica clara a construção do Paraná como modelo, é ele que vai empurrar o Brasil para frente com seus bons exemplos, o Brasil, por outro lado, como anti-modelo recua, dá mau exemplo e acaba freando o avanço dos estados. Quando cita o corte de mil cargos comissionados realizado pelo governo do Paraná, Richa apresenta outro argumento, utilizado de apoio ao modelo e anti-modelo, o exemplo, também um dos argumentos que fundam a estrutura do real.

Além de alguns exemplos já citados, como quando Richa fala sobre o índice de desigualdade social medido pelo IPEA e a transparência segundo a Controladoria Geral da União, em outros trechos ele se apropria inclusive na relação modelo e anti-modelo: “Enquanto o Brasil vê o seu índice de desemprego crescer, o Paraná foi o segundo Estado brasileiro que mais gerou postos de trabalho no primeiro quadrimestre”. Richa utiliza ainda outros exemplos, na área habitação, no combate à febre aftosa, na segurança pública e sobre o serviço público, neste, inclusive, Richa também faz a relação dos problemas financeiros causados pelo governo federal e a sua ação positiva no Paraná: “O momento delicado da

economia nos impõe sacrifícios para um necessário ajuste nas contas públicas. Mesmo assim, estamos construindo uma solução que, tenho certeza, representa um novo avanço na valorização dos servidores públicos do Paraná”. Mais uma vez, Richa argumenta que, apesar de todos os problemas causados pelo PT, o governo do Paraná toma a frente e continua avançando.

Richa, para demonstrar a convicção da posição de modelo e de que as críticas que sofre seriam mentiras criadas pela oposição, afirma em alguns momentos que o tempo irá provar que ele sempre esteve certo e é inocente de qualquer mal: “O Paraná saberá, ao seu tempo, distinguir o certo do errado, a verdade de mentira, o justo do injusto” e “O nosso governo será lembrado no futuro como uma referência de trabalho e eficiência”.

A partir da argumentação pelo modelo e anti-modelo, Richa acaba se apropriando de outro argumento de ligação de Perelman (1993), a ligação de coexistência, um argumento fundado sobre a estrutura do real. Este argumento tem como base a relação entre um indivíduo ou instituição e suas ações. É possível, por meio da observação sobre o que foi feito, construir a credibilidade do indivíduo ou instituição. Isto se dá, principalmente, por meio dos exemplos associados ao modelo e anti-modelo. A consequência é uma influência direta na imagem, conforme definida por Fidalgo (2010).

Por meio de sua argumentação, Richa tem objetivo final de construir uma identidade que se associe a um capital social positivo, ou seja, desenvolver uma imagem de quem é inocente em relação às mentiras contadas pela oposição, especialmente sobre o 29 de abril, e de que é isento de culpa nas necessidades de cortes orçamentários. A imagem que constrói para o governo federal, por outro lado, é a oposta: é ele o culpado pelos problemas do Brasil, que acabaram se refletindo no governo do Paraná e causando todos os cortes recentes. Ainda assim, reforçando a sua imagem, o seu governo está indo em frente, buscando novas soluções aos problemas causados pelo PT e ajudando o país a se reerguer.

Ao final da publicação, Richa ainda evoca alguns elementos que auxiliam na construção de sua imagem: “Deus é grande e infinita é a sua bondade. Por isso, o Paraná segue em frente! Muito obrigado e mãos à obra. Vamos ao trabalho!!!”. A lembrança de Deus e o foco no trabalho são elementos que definem a imagem de Richa, é a partir deles que ele quer ser representado. Estratégia parecida já foi utilizada com sucesso, por exemplo, por Salazar durante o Estado Novo português (SOARES, HEBERLÊ, 2013).

No geral, o que pretende Richa com a sua publicação é melhorar a sua imagem e gerar um capital social de apoio a ele, construído como inocente a qualquer acusação e,

mais do que isso, vítima, assim como todos os brasileiros, dos maus causados pelo governo federal. Os argumentos que utiliza e os termos que evoca comprovam isso e mostram a intenção de criar um maniqueísmo entre si e seu governo (bem) e o PT e o governo federal (mal).

### **Considerações finais**

Dentre os resultados obtidos, alguns podem (e devem) ser destacados, de modo a sublinhar as regularidades encontradas na publicação de Richa como um todo. Primeiramente, percebe-se uma preocupação com a sua imagem, afinal a publicação tem um objetivo geral de investir em capital social e agregar aspectos positivos à imagem de Richa.

Ainda assim, algumas estratégias não parecem ter sido bem apropriadas. Richa não se preocupa com o contexto onde a sua publicação está inserida. Ela é, basicamente, uma reprodução de um pronunciamento feito em outra situação com o acréscimo de uma pequena introdução e uma fotografia. A personalização da mensagem, lembrada por Santos e Rodrigues (2013) não é levada em conta por Richa. De qualquer modo, alguns trechos, em especial os que trabalham com a função emotiva (JAKOBSON apud BARROS, 2007) acabam apresentando aspectos mais pessoais e podem, por meio do *pathos*, gerar compaixão em seu auditório.

Na questão argumentativa, percebe-se a busca pela caracterização de si e do seu governo como modelo e do PT e do governo federal como anti-modelo. A utilização de exemplos é um meio de fortalecimento deste argumento que gera um claro maniqueísmo. No fim, a intenção, mais uma vez, é agregar um capital social positivo para sua imagem e, por meio da construção como anti-modelo, destruir a imagem do PT. Para tal, a ligação de coexistência acaba aparecendo como argumento auxiliar.

A identidade (imagem) que Richa constrói de si mesmo é de inocente pelos problemas do Paraná (a reação dos policiais na manifestação de 29 de abril e os cortes no orçamento do estado) e vítima das mentiras contadas pelo PT (em relação à situação econômica do país – que acabou gerando os problemas econômicos no Paraná) e das difamações de seus opositores. A culpa de todos os problemas, no fim das contas, é do PT.

Richa constrói a si mesmo a partir da honestidade, da fé em Deus e do trabalho constante. Por meio disso, argumenta também que, com o passar do tempo, a população irá compreender todo o bem causado pelo seu governo e perceber que tudo o que é falado de mal sobre ele é apenas mentira da oposição.

## Referências bibliográficas

ARISTÓTELES. **Retórica**. 2 ed. Trad. Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005.

BARNES, Susan. Presentation of the self: theory and methods In: BRAGA, Adriana. (org) CMC. **Identidades e Gênero**. Covilhã: Ed. LABCOM, 2005 (p. 59-88).

BARROS, Diana Luz Pessoa de. A comunicação humana. In: FIORIN, José Luiz (org.). **Introdução à Linguística: I. Objetos teóricos**. 5 ed. São Paulo: Contexto, 2007 (p. 25-53).

BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral I**. Campinas: Pontes, 1988.

ESPÍRITO SANTO, Paula do; FIGUEIRAS, Rita. Comunicação eleitoral. In: CORREIA, João Carlos; FERREIRA, Gil Baptista; ESPÍRITO SANTO, Paula do (Org.). **Conceitos de Comunicação Política**. Covilhã: LabCom, 2010 (p. 77-89).

FIDALGO, António. Da retórica às indústrias da persuasão. In: FERREIRA, Ivone. GONÇALVES, Gisela (org.). **As Indústrias da Persuasão**. Covilhã: Livros Labcom, 2010 (p. 5-25).

HILGERT, José Gaston. A construção do texto "falado" por escrito: a conversação na internet. In: PRETI, Dino. (org.). **Fala e escrita em questão**. 6 ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2006 (p. 17-55).

KOMESU, Fabiana. Blogs e as práticas de escrita sobre si na Internet. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos (org.). **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004 (p. 110-119).

LIN, Nan. **Social Capital**. 1999. Disponível em: <http://www.insna.org/PDF/Keynote/1999.pdf> Acesso em 03/07/2015.

PERELMAN, Chaïm. **O Império Retórico: Retórica e Argumentação**. Trad. Fernando Trindade e Rui Alexandre Grácio. Porto: Asa, 1993.

RECUERO, Raquel. **A conversação em rede: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

\_\_\_\_\_. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

RICHA, Beto. **Publicação no Facebook**. 27 mai. 2015, 11:10 am. Disponível em: <https://www.facebook.com/BetoRichaOficial?fref=ts> Acesso em 29/05/2015.

SANTOS, Elsa; RODRIGUES, Rosália. Comunicação Política 2.0: novos desafios para uma arte vetusta. In: SERRA, Paulo; CAMILO, Eduardo; GONÇALVES, Gisela (Org.). **Participação Política e Web 2.0**. Covilhã: Labcom, 2013 (p. 161-192).

SOARES, Felipe Bonow; HEBERLÊ, Antônio Luiz Oliveira. A representação na política: A *hypocrisy* de António Salazar. In: SEMINÁRIO INTERNACIONA DA COMUNICAÇÃO, 12. 2013, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2013 (p. 102-103).

SOARES, Felipe Bonow. "Viva a guerra!": análise argumentativa de um texto de Reinaldo Azevedo. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO DA REGIÃO SUL, 15., 2014, Palhoça. **Anais eletrônicos...** Palhoça: Intercom, 2014. Disponível em: <http://www.portalintercom.org.br/anais/sul2014/resumos/R40-0851-1.pdf> Acesso em 03/07/2015.